

REVOLUÇÃO E LIBERDADE: as possibilidades de um novo começo.

REVOLUTION AND FREEDOM: the possibilities of a new beginning.

May da Costa Mendonça¹ maymendonca@globo.com

RESUMO

Este artigo baseia-se no entendimento obtido da concepção de Hannah Arendt sobre a revolução moderna e liberdade, que são conhecidas como experiências políticas originais, instituídas para a conquista dessa liberdade e que tiveram momentos de fracassos e vitórias. Tem por objetivo conhecer sua visão dos vestígios filosóficos como possibilidades de buscar um novo caminho e construir uma nova história. Essas revoluções foram algo mais do que um ato qualquer de insubordinação, cujo principal objetivo foi a liberdade para então caracterizar-se, de fato, como revolucionárias.

Palavras-chave

Revolução. Liberdade. Vestígios.

¹Universidade da Amazônia - UNAMA

ABSTRACT

This article is based on the understanding obtained from Hannah Arendt's concept of modern revolution and freedom that are known as original policies experiences established for the achievement of freedom and that had moments of failures and victories. It has as objective to know its philosophical trace view as possibilities to seek a new way to build a new history. These revolutions were something more than any one act of insubordination which his main goal was the freedom to then actually be characterized as revolutionary.

Keywords

Revolution. Freedom. Traces.

INTRODUÇÃO

O ponto de partida para estudar, entender e compreender o pensamento de Hannah Arendt - acerca de seu conceito moderno de Revolução - é de que as revoluções figuraram momentos privilegiados de manifestação do "político", nos quais a liberdade conquistou seu espaço. Para Arendt, revolução está relacionada à noção de um caminho, em busca de um novo rumo, de uma nova História nunca conhecida e vivenciada por seus atores. As revoluções, uma vez iniciadas por

seus envolvidos, não definiriam com clareza se os resultados obtidos iriam resultar em vitórias ou derrotas. A Revolução Americana e a Francesa vivenciaram circunstâncias de fracassos e de vitórias na fundação da liberdade.

É, portanto, de fundamental importância compreender as revoluções da Idade Moderna, na sua idéia de liberdade e de uma experiência que sejam coincidentes em busca de um novo começo. A revolução e a liberdade surgem como elementos determinantes para a elaboração deste novo rumo pela experiência de ser livre. Esta possibilidade poderá ser revista ao identificarmos alguns vestígios filosóficos da liberdade e da revolução.

REVOLUÇÃO E LIBERDADE

Para compreendermos a razão pela qual Hannah Arendt sinaliza um certo fracasso dos objetivos da Revolução Francesa, precisamos inicialmente ressaltar que em sua visão é uma precondição de manutenção da vida o estar liberado das suas necessidades básicas, e que isso não é ser livre. Portanto, para Arendt, Revolução se caracteriza como um momento único de se estabelecer um campo de liberdade, na qual a humanidade, nas suas diferenças, possa ser preservada em sua grandeza, ou seja, que nesse momento seja priorizado o debate dessas divergências. É a possibilidade de poder agir, opinar e criar novos espaços de convivência na história construída pelas ações humanas e, desta forma, serem momentos privilegiados de manifestação do “político”, no sentido de participar da coisa pública, o que vem concretizar a liberdade.

Arendt apud Condorcet diz que “a palavra revolucionário só pode ser aplicada a revoluções cujo objetivo seja a liberdade” e é, portanto, indispensável para compreender as revoluções da Idade Moderna, na sua ideia de que liberdade e experiências sejam coincidentes em busca de um novo começo.

Assim, é a “concepção de liberdade, nitidamente revolucionária em sua origem, que pode medir até que ponto estamos preparados para aceitar ou rejeitar essa coincidência” (ARENDR, 1988, p.23).

Nessa concepção de liberdade, a libertação não é entendida com termo sinônimo. A libertação pode constituir-se em condição de liberdade, mas não leva necessariamente a ela. A noção de liberdade,

implícita na libertação, é negativa, já que a intenção de libertar não é idêntica ao desejo de liberdade (CHAVES, 2005, p.53).

Chaves afirma que, na política moderna, os homens das revoluções tinham por alvo a liberdade, com suas capacidades de iniciar algo novo, o que daria o significado de uma nova história. Desta forma, a revolução concebida na modernidade, sempre esteve envolvida com a libertação, pelo desejo de ser livre de opressão que poderia ser realizado sob um regime monárquico, e com a liberdade, que começa pelo desejo de liberdade como opção política de vida, o que necessitaria de uma outra forma de governo, a república.

Percebida por Arendt como tradição republicana da modernidade na tentativa de universalizar a liberdade, as Revoluções Americanas e Francesas trazem formas próprias de política. A Americana constrói uma comunidade política, a sociedade civil que se constitui de pessoas que partilham valores civis e objetivos comuns, abrindo espaço para as diferenças, ou seja, com uma capacidade associativa de reivindicar e o cidadão modelava as instituições. Já a Francesa fez uma opção pelo Estado-nação que vela a diferença, trata do todo e eram as instituições que modelavam o cidadão.

Para Hannah Arendt, apesar de a Revolução Francesa ter redundado em desastre a partir da entrada do povo em cena, é ela que faz história no mundo, papel que deveria caber suas análises contrapõem a história destas duas revoluções, posicionando-se favoravelmente ao processo americano e criticando com veemência o francês, particularmente em sua fase jacobina, quando as massas entram na política (VALE, 2006, p.9).

O movimento dessa Revolução Francesa introduziu um novo padrão para a política, ligado ao conceito de necessidade e que surge o popular, vítima de injustiças produzidas pela urgência da sobrevivência e que era esquecido (CHAVES, 2005). Essa explosão da pobreza torna evidente que não havia sociedade de homens livres o que caracterizou a destruição da liberdade. Se fazia necessário, portanto, resolver a questão social, já que o cidadão estava impedido de assim ser, por não participar da coisa pública dada a sua condição de miséria.

Desta forma, a questão social passou a desempenhar um papel revolucionário na Europa, passando a representar para todos as

revoluções, o problema mais urgente e mais difícil de resolver politicamente, exceto na América que tornou-se uma sociedade sem pobreza, por não restringir os direitos civis, foi vitoriosa em relação a este ponto, no qual a Revolução Francesa fracassou. Assim, a revolução mudou de rumo em busca da felicidade do povo e não mais a busca pela liberdade.

Partindo do entendimento de liberdade política da modernidade, as revoluções tinham como objetivo buscar e alcançar esta sonhada liberdade, como significado de uma nova História a ser vivida. Porém, como resultado das revoluções, não há verdadeiramente a conquista de participar efetivamente do governo, mas permite uma nova experiência de ser livre.

Tornou-se quase axiômático, mesmo em teoria política, entender por liberdade política não um fenômeno político, mas, ao contrário, a gama mais ou menos livre de atividades não-políticas que um determinado corpo político permite e garante aqueles que o constituem (ARENDRT, 1988, p.24).

Compreendendo assim o que Arendt afirma, a liberdade não significa a mesma coisa que libertação, já que esta pode ser a condição de liberdade sem que automaticamente leve a ela, pois a intenção de libertar não é idêntica ao desejo de liberdade. Essa liberdade foi sempre incerta desde o fim do mundo antigo até o início da modernidade.

De acordo com Hannah Arendt, podemos então afirmar que nossas próprias aspirações, por sermos libertados do medo, são produtos da libertação e que não significa liberdade, pois esta vem a ser a participação nas coisas públicas ou ingressando no mundo político. Tais conquistas, consideradas negativas, pois a revolução não teria visado à liberdade, mas tido como meta a garantia dos direitos civis pela libertação de governos que, com seu poder, infringiram esses direitos. Em muitas situações, torna-se árduo identificar onde termina o mero desejo de libertação, de ser livre de opressão, e onde começa o desejo de liberdade como opção política de vida.

VESTÍGIOS FILOSÓFICOS DA LIBERDADE E DA REVOLUÇÃO

Ao percebermos que os vestígios filosóficos vêm a ser os fios condutores que ligam o passado para um futuro, nos possibilita traçar as perspectivas que surgem da idéia central

da revolução como instituição da liberdade. A revolução e a liberdade surgem como parâmetros de elaboração de um novo rumo e a experiência de um novo começo constituído pela atividade humana na história, em busca da experiência de ser livre.

Sabe-se que Maquiavel foi o primeiro pensador que visualiza que as pessoas que ingressavam na política deveriam deixar seus preceitos cristãos para poder agir. Hannah Arendt vê nessa teoria política a mudança, a renovação e um novo corpo político com uma nova visão de mundo.

Vestígios das revoluções se configuraram por este pensador, pela possibilidade de uma nova ordem política, ou seja, a experiência da espontaneidade se manifesta nas fundações de novos espaços públicos de ação e que, para Arendt, é a expressão e pensamento. Para ela, tal liberdade deve ser entendida como "... o direito que um indivíduo tem de expressar a si à sua opinião, a fim de persuadir outros indivíduos a compartilhar de seu ponto de vista" (ARENDRT, 1993, p.52).

Sua interpretação e argumentação sobre Kant são baseadas na comunicabilidade entre os homens como ponto de partida e chegada da socialização humana no mundo, que estabelece espaços de ação por meio das expressões. Esse homem é como cidadão de um mundo que pertença a uma comunidade cosmopolita, pois há a possibilidade de estabelecer tais espaços por meio da igualdade de direitos perante a lei, nos quais o cidadão fala e age de acordo com a comunidade política manifestada nas diversas leis, costumes, hábitos e de sua história.

A revolução deu um significado a uma nova ordem no século que conduziu a liberdade política dos homens que iniciaram algo de novo na história da humanidade, criando uma nova realidade por seus pensamentos, ações e palavras. Os vestígios e os leitores da liberdade e da revolução descobriram nessa criação, homens de ação levados pelo entusiasmo e pela liberdade que impulsionava os homens da revolução, um cidadão comprometido com o espírito público e com o recomeço da história humana e o gosto pela liberdade, criando uma nova situação de poder e um princípio público, no qual as pessoas se agrupam para formar uma comunidade, o que pressupõe a condição de igualdade.

Esse novo espaço republicano é que polariza

o poder no povo através dos compromissos e da reciprocidade fundamentada na igualdade. Essa nova forma de governo do povo visualiza a consolidação da moralidade, de comum acordo com os assuntos públicos que essa nova forma de governo realiza, por meio do debate, da participação e das decisões que norteiam a política do país. O poder é a garantia do espaço público, da ação e da palavra, no qual os homens agem em conjunto, articulados pelo discurso como possibilidade de efetivação, isso garantindo a hipótese da renovação, da preservação e da continuidade do poder pela “teia de relações”.

Autoridade e liberdade são formas manifestas da criação de um novo corpo político, que pode ser garantido pela democracia, que é a forma de governo que supõe ser governada pela opinião da população. Através dessa diversidade de opiniões, as pessoas têm possibilidade de manifestar o seu elevado poder de criação, de poder agir, opinar e criar novos espaços de convivência na história construída pelas ações humanas e isso são Revolução e liberdade. Tais vestígios são possibilidades que estão presentes para serem refletidos e analisados sem uma regra própria para a vida política, mas como uma situação nova na história dos homens, que precisa ser percebida e avaliada pela capacidade de pensar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Podemos dizer, em poucas palavras, que as Revoluções foram a primeira oportunidade de manifestações populares na cena pública, cuja perspectiva de Hannah Arendt caracteriza um momento único de se estabelecer um campo de liberdade, em que foi priorizado, nesse momento, a possibilidade da humanidade, nas suas diferenças, poder agir, opinar e criar novos espaços de convivências na história e de manifestação do “político”, com a participação da coisa pública, o que caracteriza a liberdade.

Os movimentos das revoluções americana e francesa trouxeram formas próprias de política, percebidas por Hannah Arendt como tradição republicana da modernidade, na tentativa de universalizar a liberdade, fundando com isso um novo corpo político. A americana, com uma república sustentada nas instituições nacionais, alimentada pela capacidade associativa do cidadão reivindicar e expressar-se nas suas

diferenças.

Já a francesa optou pelo Estado-nação que introduziu um novo padrão para a política, ligado ao conceito de necessidade, que possibilita o popular na cena pública, porém o social alcança a política e não funda a liberdade. Isso significa a perda do objetivo principal dessa Revolução, pois antes de instaurar um espaço para que os homens possam conviver com suas diferenças, faz-se necessário saciar suas necessidades básicas da vida humana.

Portanto, a revolução e a liberdade surgiram como elemento importante na construção de novos rumos. Suas marcas, de fracassos e vitórias, deixam possibilidades do ser humano, nos seus pensamentos, expressões e ações, experienciarem um novo caminho para reconstruir sua história em busca de novas situações de poder, de um novo princípio público, que em comunidade sugerem a condição de igualdade e do gosto pela liberdade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARENDRT, Hannah. Lições sobre a filosofia política de Kant. (tradução de André Duarte Macedo). Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1993.

_____. Da revolução. São Paulo: Ática, Brasília: Editora da UnB, 1988.

CHAVES, Ednella Rodrigues. Modernidade, Revolução e Fundação da Liberdade: as revoluções americana, francesa e alemã. SAECULUM – Revista de História. João Pessoa, Jul/Dez. 2005.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. Mini Dicionário Aurélio. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2004.

VALE, Maria Ribeiro. A Violência Revolucionária em Hanna Arendt e Herbert Marcuse. São Paulo: Editora da Unesp, 2006.